

APORTUGUESAMENTO DE ALGUNS NOMES PROPRIOS GREGOS (*)

Com este titulo o professor José Lazzarini Junior publicou nesta Revista (n.º XVII-1954) um artigo em que me faz a honra de apreciar o modo por que aportuguesei alguns nomes proprios gregos.

Artigo de critica construtiva, vazado numa linguagem serena e delicada, o que, seja dito de passagem, não é muito comum em nosso meio, onde geralmente ou se leva aos pincaros um autor ou se ataca desabridamente nada achando de bom, não podia ficar sem uma resposta da minha parte, sob pena de descortesia.

Por isso, alinharei as presentes linhas onde tentarei responder às observações feitas pelo jovem assistente da cadeira de lingua e literatura grega da Faculdade de Filcsofia, Ciencias e Letras da Universidade de São Paulo.

1. — Começa o professor Lazzarini com o nome *Antígona*.

Quer o professor que assim seja e não Antigone, como eu registrei. Baseia-se no uso. De fato, o nome tem andado em voga ultimamente, depois da peça de Annouilh, e em toda parte se lê *Antígona* e não *Antigone*.

Não concordo porém, com a afirmação de que a forma *Antígone* rescenda a francesismo. Basta o latim *Antigone* para justificá-la; não era preciso recorrer ao francês.

A titulo de explicação devo declarar que provavelmente teria atuado no meu espirito, na hora de fazer o verbete, a lembrança da unica Antígona que conheci, uma colega de curso primario, que por sinal era chamada *Antigone* (paroxitono) pelas condiscipulos.

Pareceu-me tão clara a influencia analogica com os numerosissimos femininos em -a, que no verbete *Helena*, falei vagamente em analogia.

2. — Ha de fato certa confusão nos verbetes *Efigênia* e *Ifigênia*.

Quem tem feito dicionarios sabe muito bem que estes accidentes são comuns quando ha verbetes remissivos.

(*). — Por solicitação do Autor, respeitamos a ortografia do texto original (*Nota da Redação*).

A etimologia postula a forma *Ifigenia* (com acento na sílaba *ni*, como recomendava Julio Ribeiro), mas o uso, dissimilando, criou a forma *Efigênia*, com *e* inicial e com a terminação talvez influenciada por *Eugênia*.

A quem devemos obedecer? À etimologia ou ao uso? Entre uma forma etimologica morta e uma forma usual viva não trepido um só instante. Prefiro a forma viva, com todos os seus erros etimologicos. Só a realidade me agrada. E' um caso como os de *entabolar* e *inegualavel*, que toda a gente assim pronuncia e entretanto (toda a gente, menos eu) insinceramente escreve *intabular* e *inigualavel*, porque os vocabularios assim consignam estas palavras.

3. — Pareceu ao professor que nenhuma norma presidiu ao aportuguesamento dos nomes em *-ão*.

De fato. Não presidiu nem podia presidir.

Seja dito logo de inicio que o tal ditongo é talvez o unico som da fala que enfeia a lingua portuguesa.

Como soam mal aos nossos ouvidos palavras como *Partenão*, *Orião*, *Faão*, *Fedão*, *Solão*! As linhas classicas do edificio de Aenas, a bela constelação das Tres Marias, o amado da grande Safo, o dialogo platónico, o filosofo, tudo se desnatura, perde a sua graça, a sua profundeza, desde que se escrevam com *ão* em vez de *on*. *ão* é barbaro; dói no ouvido.

Apela o professor para a minha autoridade filologica.

Pobre autoridade! Alguem tem autoridade entre os nossos *studiosi philologiae*, tão poucos dignos deste nome e que, apesar disso, vivem guerreando-se e desfazendo quase sistematicamente na obra alheia?

Sou contra criterios dictatoriais em materia de lingua. Nada como a liberdade. Ha pontos em que as linguas vacilam: timbres, acentuações, generos, etc.

Elas não foram feitas a compasso e esquadro.

Se a lingua fosse uma personalidade havia de rir-se dessas imposições. E o fato é que procede como se tais imposições não existissem.

Se eu tivesse autoridade filologica, jamais usaria dela para proscriver a terminação *-on*, tão elegante.

Para a escrita *Heraclito* concorreu a unica pessoa que conheci deste nome, a qual pronunciava paroxitonamente o seu nome.

Não procurei corrigir a pronuncia *Heráclito*.

Prosodia não se corrige. Não adianta o gramatico ou o dicionarista consertarem tal ou qual prosodia. A força viva da lingua, que foi quem determinou a alteração, não aceita a correção e continua a atuar. *Bolívar*, nas placas de ruas em Petropolis e

na Copacabana, apesar do acento agudo, é *Bolívar* na boca do povo, de acordo com a indole da nossa lingua, na qual são numerosissimos os vocabulos oxítonos em *-ar*, desinencia dos verbos da primeira conjugação, a mais rica.

Deixei de consultar o Bailly quanto à forma *Othon*; foi evidentemente um descuido.

Stelichon pode não estar em Lidder-Scott nem em Bailly, mas está em Alexandre Pillon. Elas por elas, professor.

Fiz mal em pôr aquele *pelo lat.* em *Cimon* e *Criton*. Invalidei o meu ponto de vista estetico e dei azo a que o professor confirmasse o seu. Se adivinhasse, não o teria escrito.

Posseidon. Se em grego o nome só tem um *s* e se o ditongo *ei* passa a *i* em latim, e consequentemente em português, conclui o professor que a forma devia ser *Posidão*.

Deixemos de lado a terminação.

Onde encontraria apoio esta grafia? pergunta ele.

No seguinte: *Poseidónios* também só tem um *s*; entretanto produziu a forma *Possidonio*. Nem sempre a um *s* grego corresponde um *s* em português. O grego *idiosynkrasia* deu em português *idiosincrasia*. Nem sempre o ditongo grego *ei* passa como *i*. Aí está *Peitô*, de *Peithô*, nome da deusa da persuasão.

Agamemno em vez de *Agamemnon*? Deus nos livre! Antes o horrível *Agamenão*.

Não mostrei titubeio quando disse: *Aportuguesaram para Rubicão*, etc. Fiz uma censura velada aos que assim procederam. Isto é muito do meu temperamento. Não sou palmatoria do mundo. Não aponto erros de ninguem. Está na minha feição. Disseram o mesmo de mim a proposito de, no primeiro tomo do Dicionario Etimologico, quando havia varias etimologias fracas nos casos dificeis, por não ter atacado. Desde que eu não apresentava etimologia nova e valiosa, não me achei com direito a atacar os outros. Isto que os meus patricios, com seu temperamento ardente de gente do tropico, chamaram de timidez, foi especialmente louvado pelo frio germanico Karl Vossler em carta que me dirigiu. *Besonders*, foi a expressão por ele empregada.

Acusa-me o professor de haver abandonado os classicos e os autores modernos e não ter ficado com o uso.

Admito que tenha abandonado aquela gente, mas não ter ficado com o uso, não. Entre o artificial e a vida, eu prefiro a vida, a realidade.

Odeu, pelo modelo de *liceu*, *museu*, *judeu*?

Por amor de Deus, professor! Desterre tal forma.

Que mal faz ser francesa a forma? Não foi do nome do segundo teatro francês que o mundo tomou conhecimento com o vocabulo?

Não nos envergonhemos de mais esta contribuição do país que representa na idade moderna o que a Grecia representou nos domínios da graça e da beleza na antiguidade.

4. — Escrevi *Alcmano* e *Titã*, apesar da terminação grega igual em ambos, *Alkmán* e *Titán*.

Entende o professor que fiz mal. Dentro do meu criterio devia ter escrito *Alcmã* e *Titã*.

Não fiz mal. As formas vivas são *Alcmano* e *Titã*.

Que importa que haja incoerencia?

As linguas são incoerentes. Produto do espirito humano, *ordoyant et confus*, no dizer de Montaigne, não apresentam uma regularidade geometrica, desejada e imposta por muitos filologos presos demais aos canones classicos.

O professor deve ser moço. Ainda está muito ligado aos preconceitos naturais em quem fez uma educação classica. Eu tambem já padeci desta especie de sarampo. Custou-me libertar-me dele, mas consegui.

Timoteo, Filoteu e Sosideu.

E' o mesmo caso.

Só um purista extremado terá coragem de dizer *Timoteu* e assim mesmo creio que ficará sozinho, falando uma lingua diferente da dos seus patricios.

Rodopis e Pelops.

Ainda o mesmo caso.

Se o professor aceitou *Coronis* em vez de *Coronida*, porquê não aceita *Alcman*, *Timoteo*, *Rodopis*?

5. — Se escrevo *Eteocles*, *Euripides* (não *Euripedes*, como apresenta o professor), porquê consigno *Polinice*, sem *s*?

Porque o uso assim o fez.

Certo ou errado, dominou em *Polinice*, por influencia do segundo elemento, a analogia com *Eunice*, *Euridice*, terminados em *-ice*.

Perdoe-me o caro colega. O aportunuesamento de *Procusto* não corre sob minha responsabilidade. Repare que cito Emilio de Meneses. Poderia ter citado Machado de Assis, *Cronicas*, II, 297, IV, 55. *J'en passe...*

Certo ou errado, a analogia com *Augusto* determinou a nova forma.

De acordo em que devia ser *Cinosarges* e não *Cinosargo*.

Cinosarges vem de um neutro singular, *Kynosárges*, e não é um plural.

Encontrei a forma em Ramiz, fiei-me no meu primeiro professor de grego (tive esta honra) e não consultei os lexicos.

Não dei a significação de *Agis*, *Baucis*, etc., porque no Boissacq nada encontrei.

Tem toda a razão o colega quanto a *Anacarse*. O nome aliás vive através da celebre obra de Barthélemy.

Tem também toda a razão quanto a *Caribdis*.

E' assim que eu escrevo, tanto que grafei assim no verbete *Beloro*. Influíu no caso a forma *Caribde*, que encontrei em Fr. Heitor Pinto, *Imagem da vida cristã*, I, 417, e na *Eufrosina*, 210.

Estranha o professor *Heliópolis*, *Minneapolis*, etc., ao lado de *Hexapole*, *Sosipole*, etc. e diz ser incoerencia que não se justifica.

Não preciso repetir o que disse sobre a incoerencia das linguas.

Poderia eu inventar *Petropole*, *Teresopole*, etc., emendar o nome norte-americano *Mineapolis*, ou então criar *Pentapolis*, *Persepolis*?

E' levar longe demais a idolatria pela coerencia.

Napolis, no verbete *Partenope*, foi um descuido de revisão, o que aliás a dualidade das formas prova. A forma verdadeira está no verbete proprio.

O colega não compreende a terminação de *Andrinopla* nem a primeira nasal. Recorresse mais à vida do que à cultura classica e compreenderia uma e outra.

O nome da cidade grega de *Adrianópolis*, em latim *Hadrianopole* (e não *Hadrianópolis*, pois em latim não ha acentos) ou *Adrianopole*, hoje *Edirneh* em turco, não veio do grego nem do latim. Veio do francês *Andrinople*, evidentemente influenciado por *anér*, *andrós*, embora nada tenha com este vocabulo. A terminação se moldou pela da cidade vizinha de Constantinopla.

Para quê criar um *Adrianopolis*, somente *pour l'amour du grec*?

Ainda ha o lado historico.

O nome vulgarizou-se depois de 1829, quando a Russia e a Turquia firmaram o tratado que consagrou a independencia da Grecia.

O colega está muito imbuído de cultura classica e muito apegado ao positivismo.

Incline-se um pouco para o idealismo.

Eu também já fui muito positivista; curei-me com a leitura de Vossler.

7. — Não registrei *Hiagnis* (nome pouco citado), não registrei *Mimnermo* e esqueci *Calino*. Concorde com o colega.

Não tendo feito de *Calino* um nome recente, como lhe pareceu, nada houve de doloroso.

Permita o colega que ponha as coisas no seu logar.

O nome moderno *Calino*, que me despertou mais a atenção porque havia alguma coisa interessante para elucidar, coisa de que

ninguém havia ainda tratado em nosso meio, nada tem que ver com o antigo.

O antigo vem do grego *Kallinos*, em latim *Callinus* (com dois eles), ao passo que o moderno vem do francês *Calino*, com um *l* só), nome de um negociante de Paris, aproveitado por Goncourt em sua peça *La Voiture des Masques*.

8. — *Amorgo e Amorgos*. *Amorgo* ao lado de *Andros*, *Naxos*, *Paros*, etc.

Mais uma vez a incoerência...

Si cette chanson vous embête...

A razão de *Amorgo* está na lembrança da obra de Rebelo Gonçalves sobre Simonide.

Houve razão para eu registrar *Nicodemo* e *Nicodemos*.

Apesar da falta do *s* nos antropônimos provenientes da segunda declinação, talvez por influência eclesiástica, como quer Pidal, *Gram. Hist.*, para *Longinos*, o *s* se tenha conservado.

Tenho um contraparente que se chama *João Nicodemos*. As duas formas vivem.

9. — Perdoe-me o colega, mas em *Deidamia* não ha um ditongo *ei*; ha um hiato eta iota.

Hefaistos, grafia barbara?

Elegantissima.

Deus me livre de *Hefesto*.

Chamar de barbara a grafia *Hefaistos* é ofender o nosso maior parnasiano, o delicado Alberto de Oliveira, que, imitando Leconte de Lisle, forjou forma eruditas para os nomes dos deuses.

Delicie-se com a tradução de *Os deuses gregos*, de Heine:

Hephaistos além parece inda mais triste...

Não aporuguesei por motivos estéticos.

10. — Não houve confusão de metodo na forma *Hiponacte*.

Embora devesse ser *Hiponax*, por coerencia com *Ajax*, *Polux*, *Astianax*, a forma *Hiponacte* se impôs para estar de acordo com o adjetivo *hiponacteu*, qualificativo de um verso bem conhecido do colega.

Elisabet representa uma adaptação incompleta que não collocou um e na terminação para evitar a pronuncia de um *i* leve.

Em *Posilipo* houve de fato desencontro entre as duas partes do ensino.

A interpretação do nome consigna "o que faz cessar a dor" e a explicação da composição consigna "*paúo*, cessar", quando *paúo* é um factitivo e cessar é o significativo do medio.

O desencontro deve ter sido causado pelo cansaço cerebral.

Quando se faz um dicionario etimologico, a gente tem muitas vezes de mudar a direção do espirito, de um verbete para outro.

Vem uma palavra de origem grega, segue-se outra de origem arabe, depois outra de origem hebraica ou sanscrita ou tupi. Não há quem resista a um tal borboleteio.

Estas foram as observações que o professor Lazzarini Junior fez numa leitura não sistematica do segundo tomo do meu Dicionario Etimologico.

Imaginemos uma leitura sistematica.

Quantas observações tais não faria ele?

Sou-lhe muito grato por estas.

Além de ter concorrido para a melhoria do meu trabalho, proporcionou-me o ensejo de terçar armas com um jovem colega, de firme cultura grega, filho de uma Faculdade de Filosofia que muito admiro, que muito prezo.

ANTENOR NASCENTES